

## Crónica 523. 50 anos de abril em 2024

Pensei seriamente se devia escrever isto, antes do mais por estar na fase impossível de sobreviver, com sanidade, após a morte da minha mulher e companheira de 29 anos. Além do mais ela fazia as revisões dos meus textos e opinava sobre o seu conteúdo. Depois, ainda estou incrédulo pela cegueira dos dois principais partidos a catapultarem a extrema-direita nas recentes eleições regionais e nacionais. Por fim, lembrei-me de 3 ou 4 factos marcantes da minha vida que se sobrepõem ainda a tudo isto.

De 1967 a 1972 no TUP (Teatro Universitário do Porto) conheci e trabalhei (entre outros) com o Mário Viegas, Zeca Afonso, Mestre José Rodrigues (da terra da minha mãe, Alfândega da Fé) e comecei a ser politicamente ativo. O Mário leu publicamente um Poema meu de um livrinho em que o lápis azul (da censura) cortou mais de 70 páginas do meu primeiro de poesia (em 1972) Crónica do Quotidiano Inútil, a que se seguiram mais cinco volumes até aos 50 anos de vida literária em 2022.

Em 1973 passei quase seis meses como Aspirante a oficial-miliciano (subalterno do major Ernesto de Melo Antunes) no RAL-4 em Leiria e soube através dele que algo se cozinhava no seio das Forças Armadas...

Sobre isto, extraio do volume 5 de CrónicasAçores:

*Longos passeios do Castelo - em frente ao quartel - ao rio Liz a falar e filosofar. Permaneci em Leiria até setº 1973, e dei-me bem com o Melo Antunes (mais tarde bem conhecido do povo português) com o qual tive longas conversas e passeios sobre a situação sociopolítica e económica do país, criando amizade profunda e lido alguns dos estudos da mudança que preparava para o futuro, e iriam ocorrer. Não sabíamos quando... ele dizia que era algo para daí a dois ou três anos (no pior cenário, cinco).*

*Falava-se de vida, de filosofia, de aspirações e sonhos. Felizmente vivi o suficiente para ver a maior parte desses sonhos concretizados antes do novo milénio.*

*Rezam as crónicas que sou moderadamente otimista há décadas, baseado no princípio de que as coisas podem sempre ser piores, mas também podem melhorar, e, normalmente, a vida convalesce conosco. Acredito piamente que a sorte se constrói com muito trabalho e esforço e creio que o destino não está previamente traçado. Porventura, estará delineado para a carneirada que não pensa nem se dá ao trabalho de agir. Para os restantes, bípedes pensantes, o destino é feito de altos e baixos que vamos construindo e destruindo ao longo das decisões que tomamos. Dito isto, nunca me arrependi de nenhuma, mesmo as que provaram serem um fracasso total, pois na data em que as tomei decerto me pareceram as melhores.*

*Posteriormente, tal como sempre tentei fazer, exerci o direito de autocritica e autoavaliação psicológica das minhas ações e – quando o soube ou quando o pude – fiz as correções que entendi necessárias.*

*Nos meus anos mais jovens, entre os 17 e 23 (1967 a 1973), desde que entrei na Faculdade e comecei a ter um interesse ativo e prático na coisa pública e política a vida deixou de ter duas tonalidades (o branco e preto) e adquiriu centenas de tonalidades de cinzento.*

*Nessa época qualquer jovem vivia com dois dilemas (caso fosse um ser pensante e havia alguns naqueles tempos). Um, era a espada de Dâmocles da malfadada tropa (o exército colonial português que decepava vidas e esperanças dos jovens ao enviá-los para a guerra colonial que ninguém queria nem entendia), a outra era o facto de não pertencermos à Europa, nem ao mundo, na política do “orgulhosamente sós” a que a ditadura salazarenta se agarrava. Mas havia esperança, a guerra colonial acabaria, tal como a do Vietname e a democracia haveria de chegar, como chegou à Europa após a segunda grande guerra.*

*Mas jamais esquecerei o que era viver sem liberdade. Antes do 25 de abril (em Portugal) havia ma coisa chamada lápis azul, ou censura, que e cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei só com cerca de trinta páginas e isso jamais esqueço ou perdoó... **O resto é história, o 25 de abril trouxe a liberdade de pensamento e de expressão e muita água correu sob as pontes mas, hoje, sou confrontado por uma sociedade mais desigual do que nunca, de falsa fluência consumista.***

*No que conseguíamos ler e ouvir queríamos a liberdade do Woodstock americano com música das rádios pirata britânicas, das manifs de estudantes de Paris em 68-69 (e posteriores), em vez de viver sob "brandos costumes, no jardim à beira-mar plantado" que me obrigaram a uma multa de 2\$50 (dois escudos e cinquenta avos = 0,0125€) por andar descalço no acesso à praia ...ou outra (creio que 250\$00=1,25€) por não ter licença de porte de "arma" (neste caso, um isqueiro). Alguns colegas eram "bufos" (não só da PIDE) e ao denunciarem o meu uso de isqueiro sem licença ganhavam 50% da receita...*

*Hoje no outono (ou inverno) da vida, ainda tenho saudades de Timor, da Austrália, de Bragança. Do meu amor súbito (após 2005) e suicida pelo Faial, Pico e outras ilhas açorianas. Tão pronto, a realidade me confronta com a certeza de estar aqui preso e amarrado para sempre, por vontade própria. Dificilmente sairei deste buraco, bem verde e bonito é verdade. É bonito. E que mais? É bonito, mas tão deserto como o Saara.*

*Falta-me gente com quem dialogar a nível intelectual, falta-me um Melo Antunes com quem trocar sonhos e imagens do futuro melhor para o país. Falta-me uma tertúlia, um Cenáculo onde possa falar e ouvir, trocar sonhos e discutir opções de vida (nem mesmo os nossos Colóquios da Lusofonia são talhados para tal). Em tempos chegamos a ter um pequeno grupo que se juntava nos Moinhos de Porto Formoso que imitava tais tertúlias, depois morreu o Daniel de Sá, o Manuel Sá Couto e desapareceram uns tantos...*

*O meu idealismo poético irá morrer comigo. Sozinho, silente. Estes mutismos enormes, solilóquios, que ora partilho comigo mesmo, estão a tornar-me cada vez mais árido. A sensatez reitera que os silêncios não são de hoje. Vão sempre desaguar nas feridas por sarar. Cicatrizes por curar. Estigmas. Dentro e fora do SMO. Mas já fiz o último exorcismo, a última catarse em 2019 e esperava, finalmente, ser livre, se bem que envelhecido, a partir daí. Com cicatrizes mas sem estigmas, apenas lembranças, focando-me apenas nas boas e varrendo as más que tanto me consumiram.*

*E consegui-o até janeiro (2024) quando a minha companheira cúmplice se mudou para outra dimensão deixando-me só neste mundo que não entendo.*

**Escravo sim, mas nunca escravizado**, disse, em tempos de desabafo, numa das múltiplas tentativas de catarse. Equacionava constantemente o que fizera, onde estivera, como procedera. Tentava descortinar melhores meios de proceder em situações semelhantes. Insistia na minha introspeção insana, mas terapêutica. Quiçá hedonista, destinada apenas a evitar repetir o sofrimento de outras eras.

Depois de o exército colonial me mandar para a Oceânia, foi o terror do 25 de abril em Timor (onde nunca chegou). Estive quase a ser deportado para Moçambique (com mais uns tantos) por ser progressista à frente do jornal local "A Voz de Timor"...

*Infelizmente, os efémeros Governos Portugueses, no instável período que se seguiu à Revolução de abril, não se opuseram firmemente, como deviam, às ambições da Indonésia. Incapazes de avaliar ou entender as realidades culturais, económicas e políticas de Timor-Leste, limitaram-se a defender só o direito à autodeterminação. Apregoavam que o povo do território deve "escolher o seu destino, sem opor objeções à integração na Indonésia se essa for a sua vontade livremente expressa," cometendo um erro bem mais trágico do que se podia prever.*

*A Indonésia avançou com o plano de anexação, com o apoio da Austrália, a cumplicidade do mundo ocidental e dos EUA em particular, e uma muito ténue*

*oposição de Lisboa. O primeiro passo é a desestabilização do território, para o qual o presidente Suharto dá 'luz verde' em outº 1974, na 'Operasi Komodo' dos Generais Benny Murdani, Yoga Sugama, e Coronel Sugiyanto que incluía o recrutamento de agentes de Timor-Leste, propaganda falsa pelas Rádio Kupang e Rádio Atambua (na metade indonésia da ilha) disseminada pela agência noticiosa oficial ANTARA e reportagens alarmistas sobre a situação em Timor, além do aliciamento dos líderes políticos de Timor, com promessas e ofertas (mais tarde, pressões) e a radicalização dos partidos locais através de agentes indonésios infiltrados.*

*A segunda fase ('Operasi Komodo') no começo de 1975, inclui a preparação da invasão quando é já evidente que há uma rejeição quase total timorense do projeto integracionista. O General Benny Murdani é o principal arquiteto da invasão. Em 18 fevº 1975 um simulacro em Lampung, Sumatra, criava o cenário para a operação em Timor, mas o exercício foi um fracasso total e atrasou a invasão.*

*O delegado do M.F.A. em Timor, Major Metello parte em visita oficial a Portugal após dois meses de luta acérrima contra o Encarregado do Governo, Níveo Herdade. A situação nos escalões superiores da hierarquia era de confusão e tensão. A cúpula militar viu vários oficiais desterrados para fora de Timor por, alegadamente, terem tomado parte num abortado mini-movimento para depor o Encarregado do Governo. Dentre eles um Tenente-coronel, Capitães, um Juiz do Tribunal e oficiais milicianos, 25 pessoas. Fora enorme esta depuração em tão reduzida comunidade. Eu saí deste lote de deportados após escrever cartas ao Major Melo Antunes, com quem trabalhara anteriormente, a dar-lhe conta da situação que se vivia em Timor. As cartas indicavam que, além das que seriam enviadas pelo correio militar, sujeitas a censura, iria enviar cópias por meios seguros através da Austrália e da Indonésia. Assim fiz ao confiar cópias a "hippies" que faziam de Dili o trampolim para chegarem ao último paraíso na terra, que Bali era então. Essas cartas cheias de descrições sobre tudo o que se passava (e provavelmente não era conhecido em Lisboa), podem ter sido a razão de eu não ter sido incluído naquele grupo, como queria Níveo Herdade, de acordo com documento secreto posteriormente revelado na Comissão de Descolonização.*

O documento da Comissão de Descolonização (que desconheci durante mais de 25 anos), chegou à minha posse já no séc. XXI, e no qual constato que fui, injustamente, vilipendiado pelo Ten-Cor. Níveo Herdade em 27/9/1976 na *Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor, da Presidência do Conselho de Ministros (Relatórios da Descolonização de Timor: Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor.)*

O material foi-me gentilmente enviado pelo General José Alberto Morais da Silva (1941-2014), ex-chefe do Estado-Maior da Força Aérea. Ligado ao "grupo dos nove", exerceu o cargo até 9 janº 1977, tendo, no seu mandato, enfrentado o golpe militar do 25 novº 1975. Em 2000, escreveu com o coronel Manuel (Amaro) Bernardo, o livro **Timor, abandono e tragédia**, ed. Prefácio, no qual usou extratos do meu livro *Timor-Leste o dossier secreto 1973-1975*.

O meu 25 de abril descrevi-o então assim (e Ramos Horta confirmou-o no Expresso em dezº 2015):

*Quando a Revolução dos Cravos aconteceu houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois, era uma questão de perder tempo na rádio de ondas curtas. Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o umbigo, depois da sua rodada habitual (vinho "Periquita" ou outro). Toni Belo, operador da Telecom, Rádio Marconi, ligou para o Quartel-General a dizer-me que ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço, mandei-o ligar o Jeep e passados minutos estava em Dili, ansiosamente esperando 'a chamada'. Pressenti tratar-se de algo muito importante. Acordara com a família que só haveria telefonemas em emergências. Há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas*

telefónicas gravadas. Então, ouvi quase sem acreditar: Era a REVOLUÇÃO. Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa nos apartamentos da SOTA (Largo de Lecidere), onde comunico aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias da Costa e o Eng.º Proença de Oliveira, subchefe dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Pedi-lhes o máximo sigilo, ligo o rádio em ondas curtas e regresso ao Q.G. (Quartel-General) onde anoto que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade. Durante o resto da noite, escuto avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e uma série de emissoras (ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, depois do que se passara com a controvérsia no jornal, respondi-lhe: "Nada, que esperavas?" Os dias que se seguem são caóticos, com todos os rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos. Os dias passam, e o oportunismo camaleónico é avassalador. Do dia para a noite todos são revolucionários e democratas de nascença. A demissão do Governador Aldeia demora. Torna-se necessária depois do discurso em que, de forma obstinada, se opunha ao novo regime político. Começam a tomar vulto os rumores de que o capitão-tenente Leiria Pinto, Comandante da Defesa Naval, é o nomeado pela Junta. Estes boatos confundem muita gente, pois Leiria Pinto era considerado como tendo ideias extremamente conservadoras. Ao mesmo tempo, há quem afirme que o Chefe de Estado-Maior, Major Arnao Metello, sombrio oficial de carreira, é o homem de confiança da Junta de Salvação Nacional. Metello é conhecido pela sua falta de decisão e falta de garra em tudo o que se reportava à ação colonial. A oposição à continuação do coronel Aldeia no poder cresce de dia para dia. Ameaça tornar-se numa bola de neve, com os militares definitivamente divididos entre os progressistas – maioria de oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

Entretanto em Portugal, o povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobem os barómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo.

A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Díli. O regime caiu porque estava tão podre que estava incapacitado de sustentar qualquer ataque. A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz. Depois do 25 de abril, comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar e me mandava chamar quase todas as manhãs no velho Volkswagen do Estado-Maior. Nessa rotina (prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar) lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerado material proibido. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato.

Ramos Horta viu assim o 25 de abril segundo entrevista dada ao Expresso em 28.11.2015:



Por tudo isto o que resta fazer 50 anos depois? Quase tudo, pois já só temos a liberdade de expressão e ruma-se rapidamente para o revivalismo do 24 de abril. Não esqueço sons que associarei sempre ao 25 de abril e podem ouvir em [https://youtu.be/XTSnHxB\\_z6U](https://youtu.be/XTSnHxB_z6U) e relembro as danças dos grupos Timor Furak e Le Zival no 26º colóquio na EBI Maia <https://youtu.be/P1tZeYgTfgg> e no Teatro Ribeiragrandense <https://www.sapo.pt/video/trpZJ6Aj1U2sNzVnDJzm>

Ou ainda estes **Videos da minha memória de Timor**

<https://youtu.be/v2-wg8RlVig> 10.38 2018

<https://youtu.be/lyuOI7rCsPs?list=PLwjUyRyOUwOKRIA8XUWpVdMb8qRyjlwPB> 18.28 2018

<https://youtu.be/07aSPz-KmoQ> 6.46 2017

[https://youtu.be/GU\\_PzsOoMRE](https://youtu.be/GU_PzsOoMRE) 11.08 2017

<https://youtu.be/ccYFO2HL-KY> 8.45 2016

[https://youtu.be/fWq\\_oma1-VA](https://youtu.be/fWq_oma1-VA) 8.15 2016

<https://youtu.be/jAI9w97nC4c> 17.30 2016

<https://youtu.be/BT3T3xoStrw> 8.23 2016

<https://youtu.be/plGOK7gqI34> 1.47.56 2014

<https://youtu.be/sYG4loijyeo> 49.19 2021

### **Poemas de abril e de Timor**

**soletras autonomia (lomba da maia, abr 2013)**

ilhas de névoas e gaze  
 de novelões e conteiras  
 do verde e do azul  
 ó gente de negro basalto  
 quem canta a tua gesta?  
 terra de maroiços  
 cais de rola-pipas  
 mar imenso abraseado  
 lacerado por vulcões  
 ilhas de bardos e músicos  
     republicanos presidentes  
     poetas, pintores e artistas  
     antero, nemésio e natália  
 quem te liberta das grilhetas  
     do passado feudal  
     da escravatura da fé  
     do atavismo ancestral?  
 soletras autonomia  
 gaguejas liberdade

titubeias emancipação  
com laivos de insubmissão  
como a irmã galiza  
cicias um 25 de abril  
que tarda em chegar

---

demo-cracia, /2014

tanto mar, tanto sal  
tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império  
depois finou-se a ditadura  
hoje agoniza a democracia  
sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo  
sonha-se poesia e utopia  
como se ainda houvesse esperança  
ou o político se vestisse de anjo  
por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal  
tanta dor em portugal

---

469.II DIA DE ENGANOS

nesse dia acordou irritado  
logo por azar estremunhado  
notaria a seu lado  
a mulher  
morta há dez anos  
os ossos espalhados pela cama  
pressupunham aqui e além um certo descuido  
mas que diabo!  
voltou-se para a janela  
tentando adormecer uma vez mais  
invariavelmente o fazia em dias como aquele  
foi então  
atiraram a bola à vidraça  
o quarto ficou estrelado  
mil sóis recortavam-se no ladrilhado  
esforçou-se por manter a calma  
ocultou a face no travesseiro  
agarrou a almofada  
freneticamente  
num esgar sensual  
ao longe tiniam campainhas  
não havia dúvidas  
iria ser um dia mau  
decidiu-se a folhear o matutino

recusou-se a acreditar  
limpou os óculos  
estava lá  
sem engano possível  
em título de caixa alta  
em editoriais se consagrava  
o sonho supremo da humanidade  
por decreto presidencial  
dum senhor que ninguém elegera  
ia ser promulgada e publicada  
no diário da governação  
com força institucional  
A DEMOCRACIA  
em termos mui solenes  
o governo advertia  
dentro de 24 horas  
em cerimónia apropriada  
nascia a democracia  
e zás! nem quis ligar a televisão  
quieto e calado tresleu  
era demais!  
violento choque!  
democraticamente  
sem se dar conta  
caiu para o lado com um baque surdo  
morreu na cama  
e em jejum  
democrata de nascença.

---

### **aviso à navegação, 25 abril 2013**

aos saudosistas, salazarentos  
e outros democratas  
de geração instantânea  
nascidos após o 25/4/74

25 de abril é uma data que respeito,  
devolveu-me a liberdade de expressão  
que não tinha ao nascer  
nem no primeiro quartel de vida.

sou sonhador, poeta e utópico...  
e só porque homens e mulheres  
traíram e abusaram esse ideal  
não vou deixar de acreditar nele...  
na minha mente e nos meus atos  
será abril sempre

---

### **Enquanto dormias a nova escravatura chegou, nov 2013**

nenhum de nós é livre  
enquanto ao teu lado  
                  houver fome  
                  miséria  
                  desemprego  
hoje são os outros  
amanhã serás tu  
passaram 40 anos

nenhum de nós é livre  
enquanto abril não se cumprir

---

### **cheguei a Timor (dília, setº 1973)**

*timor cresceu cercado de lendas que a distância empolgou  
o sonho e a quietude  
                  1001 noites do oriente exótico  
                  o sortilégio dos trópicos  
para o europeu chegar era já desilusão  
desprevenido sobrevoa estéril ilha  
  montes e pedras  
agreste paisagem sulcada  
leitos secos abruptas escarpas  
terra sem marca de homem  
esparsas cabanas de colmo  
  será isto timor?  
o avião desce o vazio em círculos  
em vão os olhos buscam a pista  
por trás de um montículo imprevisto  
  se vislumbra o “T”  
a torre de controlo dos folhetos de propaganda  
  nunca existiu assim  
a alfândega é o bar e sala de espera  
  sob o zinco e o colmo  
isto é baucau  
                  aeroporto internacional  
                  a vila salazar dos compêndios  
  que a história esqueceu  
uma turba estranha se amontoa  
  à chegada do cacatua-bote<sup>1</sup>  
  o patas-de-aço  
esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro  
  descendo dos céus  
dia de festa para os trajes multicoloridos  
o contraste do castanho de sóis pigmentados  
cinco da matina e é já o pó e o calor  
o espanto mudo nas bocas incrédulas  
as formalidades aqui com sabor novo*

---

<sup>1</sup> Cacatua-bote ou patas-de-aço designações dos timorenses aos aviões



*espera lenta e compassada  
séculos de futuro por viver*

*antes que venha*

*antes não venha*

*num barracão zincado  
uma velha bedford de carga com caixa fechada  
vidros de plástico sob o toldo puído*

*pomposo dístico colonial  
carreira pública baucau-díli*

*picada em terreno plano, mar ao fundo  
baucau, cidade menina*

*por entre palmares densa vegetação tropical  
connosco se cruzam estranhos homens de lipa<sup>2</sup>*

*galo de combate ao colo  
entre torsos e braços nus*

*das ruínas do mercado se evocam*

*desconhecidos templos romanos*

*estrada nº 1 até díli*

*sulcam-se abruptas as encostas*

*ao mar sobranceiras*

*e adivinham cristais multicolores*

*em lugar de pontes se atravessam ribeiras enormes  
leitos secos convertidos em estradas de ocasião  
pedregoso solo*

*cores indefinidas,  
castanhos e verdes*

*palapas<sup>3</sup> dissimuladas na paisagem  
imagens tristes de pedras e montes  
baías primitivas e inconquistas  
praias de despojos e conchas*

*paraísos insuspeitos*

*gentes de sorrisos vermelhos*

*assusto-me*

*não é sangue nas bocas gengivadas  
masca, mescla de cal viva e harecan<sup>4</sup>  
placebo psicológico da alimentação que falta  
um sorriso encarnado esconde a fome  
súbito, por paisagens que só a memória*

*sem palavras descreverá*

*eis díli, a capital*

*larguíssima avenida semeando o pó nas palapas  
casas de pedra com telhados de zinco  
na ponta leste chinas e timores*

*a promiscuidade da pobreza*

*díli, plana e longa*

*a vasta baía antevendo imponente*

*o ataúro ilha*

*um porto incipiente*

*construções coloniais pós 1945*

---

<sup>2</sup> Lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

<sup>3</sup> Casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

<sup>4</sup> Folha de planta semelhante à do tabaco



*nelas vive o Timor sem água nem luz  
dez ou quinze filhos que importa*

*a miséria é só uma e a mesma?*

*(josué de castro, o ciclo do caranguejo)*

*esta "a terra que o sol em nascendo vê primeiro"*

*aqui as imagens e são já história*

*não se repetirão*

*aqui não daremos testemunho*

*como transfigurar colónias pacíficas*

*em palcos de guerra...*

---

memórias. (díli, abril 1975)

ave louca  
    sinusoide voo  
rias-te  
    nem sabias de quê  
era já o fumo  
    olhos e mãos, baça voz  
gestos nunca antes inventados  
sabíamos do tempo  
    a imponderabilidade  
a curva obscena dos corpos  
na posse do mundo  
    estávamos e éramos  
coloridos e diáfanos  
    queimávamos identidades  
alguém cantarolava  
    palavras  
        desconexas  
        inúteis  
carícias  
    premeditadamente esquecidas  
ela se levantou  
    e a víamos como se não fosse  
isto é  
    criada no instante mesmo  
hesitante  
    avançando pela janela  
ninguém a abri  
    seria talvez noite  
transcendental o país  
    bebedeiras de amor  
    roteiros estelares  
no suor do regresso  
    como se nunca partiras  
no sorriso distante, nos teus lábios  
cresceram da criança os olhos  
encheu-se a sala  
    frágeis gestos  
alguém ousara!  
na rua um escape  
    no silêncio do grito  
a regra é saber que horas são  
    ou o medo  
        a vertigem  
    a regra do pavor  
        o voo de ficar  
céleres que nem imagens  
falam de nós  
    no teto branco nu  
ou somos  
    desirmanados

no frémito que nos invade  
a resposta recusada  
texto ou resumo  
a vida violada.

---

### eleições sem lições em timor, 2012

dili 23 setembro 1973  
cheguei hoje a timor português  
a vinda marcará a minha vida para sempre  
sem o saber nunca mais nada será igual

o futuro começa hoje e aqui  
entrei no tempo da ditadura  
sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,  
imagens e odores  
sonhos de pátria e amores  
divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas  
parti rebelde revolucionário  
tinha uma voz e usei-a  
tinha pena e escrevi sem parar  
pari mais livros que filhos  
para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura  
24 de luta independentista  
agora que a lois vai cheia  
e não se passa na seissal  
já maromác se apaziguou  
crescem os lafaek no areal  
perdida a riqueza do ai-tassi  
gorada a saga do café  
resta o ouro negro  
para encher bolsos corruptos  
sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas  
sem luz, água ou telefone  
repetindo gestos seculares  
mascando sempre mascando  
o placebo de cal e harecan  
mas com direito a voto  
para escolher quem o vai explorar  
sob a capa diáfana da lei e ordem  
do cristianismo animista

oprimido sim mas enfim livre.

---

### 577. aviso à navegação, 25 abril 2013

aos saudosistas, salazarentos  
e outros democratas  
de geração instantânea  
nascidos após o 25/4/74

25 de abril é uma data que respeito,  
devolveu-me a liberdade de expressão  
que não tinha ao nascer  
nem no primeiro quartel de vida.

sou sonhador, poeta e utópico...  
e só porque homens e mulheres  
traíram e abusaram esse ideal  
não vou deixar de acreditar nele...  
na minha mente e nos meus atos  
será abril sempre

---

### 25 abril sempre, até quando, lomba da maia, 25.4.18

a mulher doente  
hoje não cumprirei a tradição  
nos moinhos de porto formoso  
não erguerei o meu cravo vermelho  
pelo abril que imaginei

a saúde de ambos necessita terapia  
não há medicina para estas maleitas

há 44 anos que acredito  
sem arrependimentos  
hoje incrêu interrogo  
quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre  
na mente e nos desejos  
da liberdade, igualdade, fraternidade

falta nascer o homem novo  
a sociedade nova  
o mundo remoçado  
que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias  
neste outono de vida

um 25 de abril sempre  
mas com poesia

---

## timor nas alturas /2012

queria subir ao tatamailau  
pairar sobre as nuvens  
das guerras, do ódio, das tribos  
falar a língua franca  
para todos os timores

queria subir ao matebian  
ouvir o choro dos mortos  
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco  
consolar as vítimas de liquiçá  
beber o café de ermera  
reconstruir o picadeiro em bobonaro  
tomar banho no marobo  
ir à missa no suai  
buscar as joias da rainha de covalima  
passar a fronteira e voltar  
chorar todos os conhecidos e os outros  
e quando as lágrimas secassem  
regressaria à minha palapa imaginária  
à mulher mais que inventada  
oferecer-lhe um pente de moedas de prata  
percorrer as suas ribeiras e vales  
sussurrar por entre as folhas do arvoredado  
navegar nos seus beiros  
rumar ao ataúro e ao jaco  
desfrutar a paz e as belezas ancestrais  
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam  
os insetos projetados contra as janelas  
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira  
todos se lembram menos tu

---

### para que não digam, 25 setº 1974

*ao dr buceta martins, fascista dos antigos  
na direita o fâscio, na esquerda o chicote  
o sorriso no gatilho, mártir da democracia)*

para que não digam  
a mordaza acabou  
a voz é livre  
o futuro é novo  
pintaremos o silêncio  
que nos impõem  
calaremos os sonhos  
dos jornais que lemos.  
sabemos nossa a vitória final ou talvez não

cântico da luta a palavra ressuscitada  
aqui Timor aqui dília  
o fâscio perene fidedigno  
insuspeito nos bastidores  
da obsoleta ordem nova  
este mundo sem denúncia  
porque o medo  
sem progresso  
porque o interesse  
sem abril  
porque os cravos murcham  
nas estrelas da rosa-cruz  
o trabalho é um dever divino  
de obediência  
perdida no espaço  
já que tempo nunca teve  
esta a terra dos parasitas  
inaptos  
corruptos  
exilados das grandes batalhas  
aqui o poder discricionário  
o absentismo forçado  
a passiva repressão  
uma-a-uma todas as vozes silenciadas  
o charco estagnou  
idólatras do verde rubro  
simbolistas de fé nenhuma  
tiranos cujos ecos nos perseguem  
mijai-vos de indignação  
babai-vos de orgulho insalubre  
a grande farsa acabará um dia  
sem a razão  
única e arbitrária  
sufocados pelos gritos de piedade  
afundar-vos-emos na merda que vos sustenta  
e alimenta  
vingar-nos-emos com o riso aberto sem incriminações  
aqui Timor aqui dília a voz colonial da oceânia.

---

#### prazeres sem orgasmo (díli, abril 25, 1974)

pragmática palavra	o som primeiro
hierático sorriso	impresso
das crianças suburbanas	subalterna vida
nas ruínas de lata	o bairro
obscura idade do gesto	habitante incómodo
ódios ignotos	do ócio
ilhas à deriva	plasmando a cidade
cerca da fome	a fadiga desnuda
dos olhos	a sombra
- este o uterino vértice -	ex/ato
heréticas noites de silêncio	ex/voto



ignaras letras excitadas	o infólio
tamanho normal de povo	no estertor
- É URGENTE REINVENTAR A CURVATURA OBSCENA DA GRAVIDEZ	
PREENCHER DE FORMAS O VAZIO CORPO (DES)ESPERADO -	
a mulher	vulgar objeto
a televisiva fonia	de anestesiari
amorfa consciência	o pesadelo
cercearam	irredutível ascensão
o plano antigo inclinado	em queda abrupta
$h^2 = a^2 + b^2$	a razão inversa
do quadrado da hipotenusa	a concêntrica marcha
relógio imperfeito	da geração perdida
ao limiar do ser	o haver
cerco do universal enfado	indizíveis cansaços
- tranqüidolente marasmo	mais um dia
na nudez proverbial	deste povo
construtor	ingênuo
de prazeres sem orgasmo	ou de orgasmo sem prazer?

---

### a nau sem escorbuto / 2011

arribou nesta praia deserta  
 a nau sem escorbuto  
 sem mastro nem pendão  
 sem carga nem marinhagem  
 sem especiarias do oriente  
 nem arroz do sião ou malaca  
 sem pérolas de ormuz  
 nem diamantes da índia  
 sem cavalos das arábias  
 nem marfim das áfricas  
 fôra de cochim a meca  
 de ternate a timor  
 sem compradores  
 nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta  
 longe do mar eritreu  
 há mouros e judeus conversos  
 cristãos por batizar

os senhores dos açores  
 ocupam lugares de proa  
 a barlavento das gentes  
 não vieram de calecute  
 nem estiveram em cipango  
 não cuidam da pimenta do reino  
 da noz-moscada, do cravo-da-índia  
 do açafreão, anis, gengibre e canela  
 não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,

que não é terra de gentios  
chamam-lhe sua e de mais ninguém  
como samorim a regem  
feitos marajás em palácios  
ofertam bugigangas aos nativos  
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia  
frente à seteira  
em castelo sem pendão  
envio migas de letras  
a todos sem literário pão  
crónicas avulsas de vidas vividas  
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome  
do frio que aí vem  
das vacas que se foram  
do leite que não mungiram  
dos campos que não araram  
das colheitas que não comeram  
feliz vota nos que prometem  
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias  
mutilados e estropiados  
cá já temos sem-abrigo  
drogaditos e malfeitores  
assaltantes, meliantes  
económicos dissabores  
da troica que tudo leva  
e cobra dívidas que herdamos  
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham  
nem procissões e andores  
preces e velas acesas  
romeiros de todas as dores  
somos um povo infeliz e abúlico  
sem sonhos nem destemores  
vergados ao duro peso  
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam  
nem bardos nem cantores  
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos  
erros grosseiros  
enganos ledos  
sem naus nem caravelas  
sem espadas nem aduelas

sem especiarias nem língua franca  
cantando fados a tétis com paixão  
com futebol e telenovelas  
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo  
sofre consternado  
às dívidas acorrentado  
à mingua de dízimos e outros enfados  
sem contar os créditos mal parados  
come demagogia e paga iliteracia  
santa liberdade e democracia  
chora lágrimas de crocodilo  
lendo jornais desportivos  
com as letras aprendidas  
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades  
vendia os anéis e comia os dedos  
emigrava quando podia  
queixava-se da sorte caipora  
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara  
timidamente na crise despontara  
bancos enriqueciam na austeridade  
à custa da plebe e do suor já suado  
de brandos costumes acostumado  
não descera às ruas este povo  
faltava-lhe força e inteligência  
nem era gleba de novo  
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis  
em terra de pagãos e infiéis  
não daria berloques aos nativos  
apenas a chibata e o chicote  
as grilhetas de trabalhos cativos  
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário  
no alto do seu castelo  
gritava a bom gritar  
mas não o ouviam as massas  
sem perder tempo para se educar  
e acreditavam nos seus donos  
compradores de votos  
com promessas a acenar

o jardim à beira-mar plantado  
há muito inculto e estiolado  
ia fenecendo devagar

sem gente para o cuidar

e dos vindouros muitos virão  
dizer que o poeta pressagiava  
o fim desta bela nação.

---

**fados e sambas (lomba da maia, abr 2013)**

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
cantigas ao desafio  
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras  
pintam realidades inesperadas  
todos ficam todos partem  
em dia de são vapor  
tão longe sempre perto  
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
manta remendada de nove cores  
tapete voador da saudade  
sementes da memória  
nas paredes do tempo  
rasgando o silêncio  
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril  
filho de muitas ilhas  
choro este fado

---

**autonomias nominais /2013**

*“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”  
voltaire*

hoje acordei sem voz  
sem mãos,  
sem pés  
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores  
arquipélago de mil autores  
num fiasco de autonomia  
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam  
em busca de subvenções porfiam  
melhor é ficar mudo e quedo  
viver dos subsídios esmoleres

submissos e acomodados  
pobres despreocupados  
servos enfeudados  
ingénuos explorados  
na eterna espera de godot  
de um mandela que não nasceu

assim se explicam os açores  
ilhas de mil e uma dores

---

### à Galiza (moinhos, agosto 2013)

imagino a galiza  
de cravo e bandeira na mão  
gritando a plenos pulmões  
que a liberdade é merecida  
que a rua é dos poetas  
que o 25 de abril não é de todos  
mas será sempre para todos  
mesmo para aqueles que o negam  
imagino a galiza  
de manifesto e megafone na mão  
declamando a poesia da alforria  
das conquistas irreversíveis  
quando os esbirros vierem  
feitos controladores do pensar  
sei que ela estará lá  
e abrirá o peito às balas  
e o sangue que jorrar  
será poema e arma  
e o corpo desvanecido  
será escudo e estandarte  
para que a liberdade não morra  
nem haja estertor do povo  
com ela será 25 de abril sempre  
que ninguém nos cala  
e a voz dos poetas  
troça mais que a da bala

---

### 475. NASCEM OS DIAS

suburbanamente vives

renasces quotidianamente

no sol que te alimenta

te transporta

hábitos comprimidos no sono

cheiras a cama

correndo te perdes

te cansas

nascem os dias na cidade

em cada rua

esquina

no matraquear lento dos minutos

nos acotovelámos vorazes

por entre a sandes e o copo de leite

a grande corrida no relógio das veias

e já somos o rebanho

e o cansaço

triturados no suor do trabalho

na lufa do jantar

um marido às prestações

os filhos endormentes

a televisão deserta

o sono

cansados os corpos

desconhecidos repousam

até um dia

amor

e chamar-se-à liberdade

nos dormitórios da cidade

o silêncio nos embala

sem voz que se erga

nos sonhos

que nos proíbem  
sem que a desfraldemos  
no edifício dos corpos  
a alegria das bandeiras  
neste país dos cravos  
as lágrimas vermelhas do seu sangue.

---

### outro epitáfio 25.6.2022

ser velho é isto  
olhar para a parede que já foi branca  
contar os traços quase a atingir 26645  
já pouco espaço resta para mais traços  
cada um deles um dia  
uma alegria mil tristezas  
sonhos que se esfumaram  
sonhos nunca sonhados  
que se concretizaram  
sonhos recorrentes  
nunca atingidos  
subidas aos sete céus  
descidas a mil infernos  
a certeza inabalável  
de ter feito a diferença  
no carneirismo cinzento  
a ovelha negra  
no meio do rebanho  
sem medo  
dos cães pastores  
de seus dentes ameaçadores  
sem temor da chibata do pastor  
e para epitáfio  
um “smile” gigantesco  
de desdém, de zombaria

---